



## GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

ISSN 2177-3688

### COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS COLONIZADORAS NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE AMPARADA PELA ESCALA DE DECOLONIALIDADE PARA ESTUDOS EM ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO (EDEOC)

#### *COMBATING COLONIZING VIOLENCE IN KNOWLEDGE ORGANIZATION: AN ANALYSIS SUPPORTED BY THE DECOLONIALITY SCALE FOR STUDIES IN KNOWLEDGE ORGANIZATION (EDEOC)*

**Dirnéle Carneiro Garcez** – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Rodrigo de Sales** – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo** Este trabalho visa compreender como os estudos publicados no Grupo de Trabalho 2 (GT 2) - Organização e Representação do Conhecimento - da ANCIB têm enfrentado a violência epistêmica e as lógicas colonizadoras no âmbito da Organização do Conhecimento (OC). Assim, tem como objetivo analisar criticamente as obras publicadas no GT 2 que se dedicaram ao enfrentamento do processo colonizador no contexto da OC. Para isso, examinamos as publicações do GT 2 das últimas dez edições do ENANCIB, a fim de identificar como o grupo tem defendido a necessidade de combater as lógicas colonizadoras na representação e organização do conhecimento. Utilizamos, como instrumento analítico, uma proposta de Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC), a fim de avaliar os elementos que tornam um estudo verdadeiramente decolonial. Os dados revelam a existência de variações no volume de estudos voltados para o enfrentamento da violência colonizadora ao longo dos anos, porém, mesmo que sejam estudos decoloniais, não apresentam elementos críticos vinculados a estudos e aspectos teóricos que se referem às contranarrativas decoloniais.

**Palavras-chave:** decolonialidade; escala; organização do conhecimento; produção científica.

**Abstract:** This paper aims to understand how the studies published in Working Group 2 (GT 2) - Organization and Representation of Knowledge - of ANCIB have faced epistemic violence and colonizing logics within the scope of the Organization of Knowledge. Thus, it has the objective of critically analyzing the works published in GT 2 that have been dedicated to facing the colonizing process within the scope of the KO. For this, we examined WG 2 publications from the last ten editions of ENANCIB, in order to identify how the group has defended the need to combat colonizing logics in the representation and organization of knowledge. We used, as an analytical instrument, a proposed Decoloniality Scale for Studies in Knowledge Organization (EDEOC), with the aim of evaluating the elements that make a study truly decolonial. The data reveal the existence of variations in the volume of studies aimed at confronting colonizing violence over the years, however, even if they are decolonial studies, they do not present critical elements linked to studies and theoretical aspects that refer to decolonial counter-narratives.

**Keywords:** decoloniality; scale; knowledge organization; scientific production.

## 1 INTRODUÇÃO

O combate às lógicas colonizadoras hegemônicas que resultam em violências epistêmicas e injustiças sociais no campo da Organização do Conhecimento<sup>1</sup> (OC) tem sido praticado de diversas formas ao longo dos anos. São inúmeras as culturas, crenças, etnias, sexualidades, grupos populacionais, línguas e costumes que produzem conhecimentos e, quando esses conhecimentos não são formalmente representados em teorias, instrumentos e processos, acabam sendo marginalizados (GARCEZ; SALES, 2021). Para abrir espaço ao debate sobre a pluralidade de conhecimentos na OC, a adoção de uma postura decolonial e/ou decolonizadora é necessária, mesmo quando termos específicos desta prática (tais como decolonialidade, descolonização, pós-colonização ou anticolonização) não são adotados.

A partir da contextualização realizada neste trabalho, a pergunta que se levanta é: *De que forma os estudos publicados no G T2 têm enfrentado as violências epistêmicas e as lógicas colonizadoras no âmbito da Organização do Conhecimento?* No intuito de responder essa pergunta, o objetivo da presente pesquisa consiste em analisar criticamente trabalhos publicados no Grupo de Trabalho 2 (GT 2) - Organização e Representação do Conhecimento - que têm se dedicado a enfrentar o processo colonizador no âmbito da OC. Para tanto, investigou-se o histórico de publicações do GT 2 para identificar e analisar as autorias e as abordagens que, ao longo das últimas dez edições (2012-2022) do ENANCIB, têm defendido a necessidade de enfrentamento às lógicas colonizadoras no contexto da representação e organização do conhecimento. Posteriormente, aplicou-se a proposta de uma *Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC)* para mensurar o aprofundamento dos pesquisadores e pesquisadoras brasileiras no debate decolonial em OC.

Entendemos que existem duas perspectivas decoloniais em OC, uma chamada de decolonialidade restrita, que incorpora conceitos e pensamentos do Norte global para analisar questões no Sul e busca ressignificar categorias historicamente marginalizadas; e a decolonialidade sul-sul, que se baseia em epistemologias e teorias originadas no Sul global para abordar problemas específicos na América Latina. Ambas perspectivas visam a superar a influência hegemônica do Norte global na produção de conhecimento do Sul, promovendo uma visão crítica e emancipatória. Acreditamos que essa abordagem sul-sul, elaborada por pesquisadores latino-americanos, não apenas critica a colonialidade e o poder colonial, mas também contribui para a produção de conhecimento e práticas emancipatórias, dando voz às comunidades historicamente marginalizadas na produção científica.

---

<sup>1</sup> O termo Organização do Conhecimento é aqui utilizado em letras maiúsculas quando se refere ao campo de estudo formalmente propagado pelo contexto da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO).

A partir dessa investigação, foi possível compreender a maneira como os marcadores decoloniais têm sido incorporados e praticados (mesmo sem a devida explicitação terminológica) pelos pesquisadores e pesquisadoras que publicam no GT 2. Além disso, o intuito é avaliar em que medida essas pesquisas têm contribuído para o desenvolvimento de uma perspectiva crítica e decolonial na OC, valorizando a pluralidade dos saberes e promovendo o enfrentamento da histórica colonização do conhecimento.

Com isso, é esperado trazer visibilidade a essas pesquisas e contribuir para o fortalecimento de práticas críticas e epistemicamente diversas na área de OC; posturas que levem em consideração as múltiplas perspectivas e realidades presentes em nossa sociedade, em contraponto às práticas hegemônicas e excludentes que têm dominado o conhecimento científico como um todo. Além do mais, evidenciar os esforços decoloniais que já vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos no âmbito do GT 2 é relevante para afirmar a Organização do Conhecimento também como uma área eticamente comprometida com a justiça social.

## **2 DAS DISPUTAS CONCEITUAIS DA DECOLONIALIDADE AOS DILEMAS DECOLONIAIS EM ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

A indagação pela construção de novos contextos paradigmáticos constituiu-se em um dos fatores preponderantes que alavancaram o incremento das investigações epistemológicas na área da Ciência da Informação. Esse crescimento observado é resultado que vai além do amadurecimento científico e do florescimento de programas e grupos de pesquisa, mas também fruto do respaldo institucional e do engajamento acentuado da comunidade científica a partir da evolução qualitativa de suas contribuições (FRANCELIN, 2018). A Epistemologia se configura como uma crítica ao conhecimento científico e à ciência, objetivando a compreensão dos processos pelos quais adquirimos e assimilamos o conhecimento, bem como suas múltiplas formas de sabedoria, em consonância com a história das ciências e da filosofia. Ademais, os esforços epistemológicos ajudam a estabelecer as metodologias a serem empregadas na prática científica, a fim de validar e afirmar sua verdade (ZANDONADE, 2000; RABELLO, 2012). A Epistemologia emerge como um campo de estudo que se dedica à análise das múltiplas facetas do conhecimento humano, incluindo suas possibilidades, origens, natureza e alcance. Seu objetivo consiste em investigar as condições e os critérios que conferem legitimidade e veracidade ao conhecimento, especialmente dentro do contexto conceitual ocidental, onde se delineia a noção de conhecimento científico. Dessa forma, a Epistemologia adentra às profundezas das complexidades do conhecimento, buscando compreender tanto suas bases fundamentais quanto os caminhos pelos quais

estabelecem suas validações como uma forma autêntica e fidedigna de saber (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2001).

As discussões de ordem epistemológica em um determinado campo de conhecimento são abrangentes e podem ser abordadas por meio de diversos enfoques. Esses enfoques incluem as fronteiras disciplinares, como a abordagem multidisciplinar, inter e transdisciplinar, a perspectiva teórico-metodológica do desenvolvimento do conhecimento, a ênfase na linguagem e terminologia, bem como a institucionalização dos discursos, e até mesmo a interseção de diferentes enfoques. Com o objetivo de estabelecer nossa própria trajetória de discussão epistemológica no campo da OC, reconhecendo a amplitude inesgotável que o envolve, optamos por, inicialmente, compreender como parte da comunidade científica da OC tem formalizado e teoricamente delimitado o próprio campo.

Dessa forma, a OC ocupa um espaço dentro de uma discussão que abrange um *modus operandi* de representar áreas de conhecimento utilizando uma linguagem formal. Nesse contexto, o processo de OC aborda questões fundamentais relacionadas às teorias de representação e aos domínios que serão representados (CAMPOS; CAMPOS, 2012). Sendo assim, é necessário compreender e aplicar métodos adequados para estruturar e classificar o conhecimento de forma eficiente, levando em consideração os princípios e as abordagens teóricas que embasam a representação do conhecimento.

Percebemos a OC como um campo de discussão abrangente, no qual é possível promover diálogos e reflexões que resultem em metodologias que contribuam para esse campo. Além disso, busca refletir não apenas sobre os processos de organização, mas também sobre o conhecimento que emerge da dinâmica das comunidades (FARIAS; CÂNDIDO DE ALMEIDA, 2014). Nesse sentido, volta-se para desenvolver abordagens que considerem não apenas a estruturação e classificação da informação, mas também a compreensão dos contextos sociais, culturais e colaborativos que influenciam a produção e a disseminação do conhecimento.

Uma das perspectivas mais amplamente difundidas para definir a OC - ainda presente na literatura nacional e internacional - é aquela que a concebe como uma subárea ou tema especializado pertencente à Ciência da Informação. Nesse contexto, há uma preferência em definir a OC como uma atividade operacional (GARCIA; OLIVEIRA; LUZ, 2000; GREEN, 2002; GARCIA-GUTIÉRREZ, 2002) voltada para a construção de sistemas de organização do conhecimento (KENT, 2002; GREEN, 2002; ZHEREBCEVSKY, 2010; SOUZA; TUDHOPE; ALMEIDA, 2010). Esta perspectiva instrumental, que insere a OC no contexto próprio da Ciência da Informação, está, segundo Sales (2017), fortemente presente nos estudos publicados no GT 2 da ANCIB. Entretanto, o autor também apresenta uma outra forma de se

compreender a Organização do Conhecimento, notadamente presente nos estudos desenvolvidos no âmbito da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO). No contexto da ISKO, há, segundo Sales (2017), uma predominante perspectiva que considera a OC como um campo de estudo autônomo que teria se emancipado da Ciência da Informação.

A despeito das diferentes perspectivas encontradas ao se delimitar a OC, fato é que essas visões não são excludentes, pelo contrário, elas compõem juntas um arcabouço epistemológico que permite uma compreensão abrangente desse espaço investigativo. No contexto brasileiro, onde essas duas perspectivas (OC como uma operação-instrumental e OC como um campo de estudo) se encontram nos fóruns da ANCIB e da ISKO-Brasil, a compreensão da Organização do Conhecimento se mostra mais integradora e abarcativa. É a partir dessa compreensão integradora e abarcativa que procuramos lançar nossos olhares para a OC. Para compreender a perspectiva decolonial, a reflexão contra-hegemônica e a análise das opressões e invisibilidades que já estão presentes nas pesquisas de OC, interessamos tanto as questões instrumentais quanto epistemológicas. Assim, acreditamos ser possível constatar como a OC vem contribuindo para uma abordagem teórico-crítica e decolonizadora do conhecimento.

Compreendemos a decolonialidade como uma corrente de pensamento contrária às perspectivas hegemônicas de produção de conhecimento, caracterizada por abordagens críticas que buscam, de maneira respeitosa, confrontar o histórico processo de colonização do conhecimento, questionando e desafiando as estruturas de poder e sistemas que perpetuam a colonização e a opressão em suas múltiplas manifestações. Nesta oportunidade, examinamos as publicações do GT 2 em busca de estudos com enfoque decolonizador, a fim de identificar e compreender como a temática da decolonização tem sido abordada em um dos principais fóruns nacionais. Mas, para que pudéssemos analisar esses estudos, foi necessário construir uma proposta de escala de decolonialidade, a ser apresentada na seção seguinte.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* da presente análise foi constituído a partir das publicações do GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento, e o período analisado compreendeu às publicações realizadas entre 2012 e 2022, abrangendo as edições do XIII ao XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, disponibilizadas, por sua vez, nos sites de cada ENANCIB e também no repositório BENANCIB. Foram identificadas um total de **443** publicações, que foram organizadas e registradas em uma planilha eletrônica contendo informações como edição do evento, ano, título do artigo, autoria, resumo, palavras-chave e

*link* de acesso. A identificação das publicações que adotam uma perspectiva decolonial foi realizada por meio da leitura completa dos trabalhos, analisando como os autores abordam a questão da decolonização na OC.

Posteriormente, como **primeira etapa**, os trabalhos foram categorizados seguindo as abordagens pré-estabelecidas por Garcez e Sales (2021, 2022), que incluem: a) Discussões sobre opressões, sub-representações e relações de poder e dominação contra populações colocadas à margem, tais como as populações africanas, ameríndias, mulheres, LGBTQIAPN+ etc; b) Discussões sobre produções de conhecimentos de populações geograficamente privilegiadas (norte global), mas que estão à margem das sociedades que pertencem; c) Reflexão crítica à colonialidade e proposta da decolonialidade como alternativa de enfrentamento; e, d) Relação entre Interculturalidade, Interculturalidade Crítica e OC.

Essas abordagens foram apresentadas por Garcez e Sales (2021, 2022) e correspondem ao seguinte:

a) **Discussões sobre opressões, sub-representações e relações de poder e dominação contra populações colocadas à margem, tais como as populações africanas, ameríndias, mulheres, LGBTQIA+ etc.** - O pensamento colonial em sociedades colonizadas em Abya Yala<sup>2</sup> resulta em exclusões, distanciamentos, invisibilidades e preconceitos. No Brasil, o racismo, a supremacia racial branca à brasileira, a branquitude, a meritocracia, a falácia da democracia racial, o sexismo, o patriarcado, a LGBTQIA+fobia, o genocídio e o capitalismo racial são elementos que estruturam hierarquias de opressões e violências contra povos quilombolas, indígenas, negros, mulheres, crianças e outros grupos. (MUNANGA, 1996; BENTO, 2002; CARNEIRO, 2011, SILVA; GARCEZ; FEVRIER; ALVES, 2022). Entendemos como decolonial a produção científica que busca promover uma reflexão crítica que relacione esses elementos à colonialidade e confronte essas dinâmicas opressivas por meio da subversão à lógica colonial;

b) **Discussões sobre produções de conhecimentos de populações geograficamente privilegiadas (norte global), mas que estão à margem das sociedades que pertencem** - Esta abordagem defende que as produções científicas de povos marginalizados, como povos latinos, indígenas, afros, asiáticos, e de todos aqueles que cotidianamente sofrem com as opressões coloniais no contexto da Europa e da América do Norte, são consideradas como decoloniais quando confrontam as lógicas coloniais em OC, haja vista o *lócus* de enunciação e o lugar social atribuído enquanto sujeitos marginalizados

---

<sup>2</sup> Abya Yala, na língua do povo Kuna, ameríndios oriundos do Panamá e do noroeste da Colômbia, significa Terra Madura ou Terra Viva, que hoje, por herança dos colonizadores, conhecemos como América Latina.

nessas sociedades. Em suma, perspectivas decoloniais em OC são expressas por propostas que visam decolonizar mentalidades ocidentais que influenciam as práticas em OC. Isso envolve a inclusão das visões e concepções dos saberes desses povos, bem como promove um diálogo crítico sobre os fundamentos filosóficos que estruturam o campo da OC (GARCEZ; SALES, 2021).

c) **Reflexão crítica à colonialidade e proposta da decolonialidade como alternativa de enfrentamento** - Neste critério, buscamos abranger os estudos em OC que utilizam explicitamente termos derivados da palavra "colonial", como "colonialidade", "decolonialidade", "descolonialidade", "decolonial", "pós-colonial", entre outros, ao desenvolverem críticas e/ou proporem alternativas de giro decolonial. A consciência em relação à colonialidade e a promoção da decolonialidade expressada terminologicamente nas produções científicas são os objetivos deste critério (GARCEZ; SALES, 2021).

d) **Relação entre Interculturalidade, Interculturalidade Crítica e OC** - Esse critério abrange pesquisas que abordam a Interculturalidade e/ou a Interculturalidade Crítica como estratégias para confrontar o pensamento hegemônico colonial dentro da OC, uma vez que a lente teórica a partir da Interculturalidade, de forma crítica, desafia os conceitos que legitimam a hegemonia epistêmica e o poder do norte global. Trata-se de um conceito estratégico, político e insurgente que valoriza a diversidade epistêmica e a pluralidade cultural e linguística em todas as esferas da sociedade, incluindo a produção científica. Diferentemente de perspectivas eurocêntricas ou norte-americanas, a Interculturalidade surge e se desenvolve a partir das comunidades tradicionais e, posteriormente, é incorporada ao meio acadêmico (GARCEZ; SALES, 2021).

Essa análise criteriosa permitiu mapear e compreender de forma mais aprofundada como a perspectiva decolonial tem sido abordada nas publicações do GT 2, evidenciando o papel desses estudos na promoção de uma OC mais crítica e decolonial.

Na **segunda etapa**, foi realizado um recorte, a partir das autorias com maior número de publicações entendidas, na primeira etapa, como decoloniais, para a posterior aplicação de uma *Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC)*, criada pelas autorias desta pesquisa. A construção da EDEOC foi baseada nos estudos de Nadal (2014), Sue *et al.* (2007), Sue (2010), Garcez e Sales (2021, 2022) e Silva *et al.* (2023). Conceitualmente, entendemos a EDEOC como uma ferramenta de análise teórico-aplicada que ajuda a avaliar e mensurar a representatividade epistêmica em: i) estudos e recursos informacionais; ii) instrumentos e conceitos citados e aplicados em tais estudos; iii) adoção de

abordagens críticas para estudos decoloniais, pós-coloniais e anticoloniais e; iv) incorporação da diversidade epistêmica, cultural e linguística de diversos povos em estudos entendidos como decoloniais em OC.

Além dos estudos de Garcez e Sales (2021, 2022), os quais atribuíram categorização para os estudos decoloniais em OC, a EDEOC foi aqui projetada e embasada na mensuração de itens para contemplar as interseccionalidades entre opressões epistêmicas e sociais. Para tanto, foram consultadas as seguintes escalas de microagressões advindas tanto da Biblioteconomia quanto da Psicologia e da Psiquiatria: *Racial Microaggressions Scale*, desenvolvida por Derald Wing Sue e seus colegas, que avalia aspectos étnico-raciais em microagressões; *The Racial Microaggressions Scale (RMAS)*, criada por Susan R. Torres-Harding *et al* (2012), a qual engloba, dentre outros elementos, perspectivas de inferiorização racial, negação de identidades étnico-raciais e sociais, bem como experiências com microagressões por pessoas negras e LGBTQIA+; *Gender microaggressions scale (GMAS) for women*, elaborada por Christina M. Capodilupo e Gina Torino (2017), a qual foi projetada para analisar quais são as microagressões de gênero sofridas por mulheres; e *Escala de Microagressões Raciais na Biblioteconomia*, de Franciéle Carneiro Garcês da Silva *et al.* (2023), a qual engloba as microagressões raciais e trauma racial no ensino biblioteconômico, atuação profissional e bibliotecas.

Ressalta-se que a primeira e a última escalas pertencem ao escopo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. As demais são escalas desenvolvidas para os campos da Psicologia e da Psiquiatria. Por conta da ausência de instrumentos semelhantes voltados para a Organização do Conhecimento, inspirados e pautados nas citadas escalas de microagressões, elaboramos a *Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC)*, que nos serviu de base para avaliar e mensurar os itens de opressões e suas interseccionalidades nos estudos publicados no GT 2.

Dessa forma, a EDEOC está composta por 65 itens agrupados em quatro categorias, a saber: a) **Representatividade teórica** – contém 27 itens analíticos, os quais buscam mensurar a representatividade epistêmica decolonial na produção científica avaliada, considerando a presença e/ou a ausência de autorias de mulheres, indígenas, população negra, pessoas LGBTQIAPN+, minorias étnicas (chinesa, japonesa, árabe, indiana etc.) e interseccionalidades, idioma, entre outros; b) **Instrumentos e conceitos** – engloba 10 itens que se referem ao conteúdo da produção científica, avaliando a aplicação ou estudo de instrumentos ou conceitos elaborados por pessoas de grupos hegemônicos e/ou não hegemônicos, situados no sul ou norte global; c) **Crítica e Decolonialidade** – contém oito itens, os quais se referem ainda ao conteúdo do estudo avaliado e à abordagem decolonial crítica adotada por ele, quais

sejam: (i) estudos decoloniais, pós-coloniais e anticoloniais; (ii) o uso dos termos relacionados ao decolonial; (iii) evidencia saberes, contranarrativas e/ou cosmovisões de populações colocadas em espaço de subordinação; e, por fim, (iv) nomeia a colonialidade e suas esferas (saber, poder, natureza, ser); d) **Episteme, cultura e língua** – engloba 20 itens de análise, cujo enfoque está na vertente teórico-aplicada da Interculturalidade e Interculturalidade crítica; diversidade epistêmica, regional e cultural; pluriperspectivas, aspectos linguísticos e terminologias características de cada povo, entre outros. No desenvolvimento da pesquisa, é importante enfatizar que a aplicação da Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC) ocorreu em duas etapas distintas e igualmente cruciais. A primeira etapa consistiu na categorização de "abordagens pré-estabelecidas" nas obras acadêmicas selecionadas. Nessa fase, os critérios de categorização foram desenvolvidos de forma independente em relação à proposta da EDEOC, visando identificar as abordagens decoloniais presentes na literatura.

Essa separação entre as abordagens pré-estabelecidas e a EDEOC propriamente dita foi estrategicamente idealizada para garantir um processo de análise objetiva e rigorosa. Os critérios de categorização foram aplicados sem qualquer viés em relação à escala, assegurando, assim, a objetividade na identificação das obras que seriam submetidas à etapa analítica. Na segunda etapa, após a conclusão da categorização das abordagens pré-estabelecidas, realizamos um recorte das autorias com o maior número de publicações que se enquadraram nas categorias decoloniais (a, b, c e d) identificadas na primeira etapa. Somente após esse recorte, que ocorreu de forma independente e desvinculada da criação da EDEOC, aplicamos a escala propriamente dita às obras selecionadas, e dessa forma, garantimos a integridade e a consistência do procedimento analítico. Por tratar-se de uma ferramenta de análise de uma Tese ainda em desenvolvimento, somado as restrições de tamanho para este trabalho, os 65 itens detalhados que compõe a EDEOC não são aqui descritos.

Para a aplicação da EDEOC, e após a eliminação das duplicidades, um total de 18 artigos compuseram o conjunto de análise. Cada obra foi submetida à EDEOC por meio da leitura minuciosa de seus artigos, seguida pelo ranqueamento dos itens em cada categoria. Posteriormente, os resultados da Escala foram representados em gráficos, proporcionando uma visualização mais objetiva e compreensível para a análise. Abaixo, é apresentada na Tabela 1 a aplicação efetiva da EDEOC conforme as categorias, onde são sumarizados os ranques (valores acumulados de pontuação) por categoria.

**Tabela 1** – Aplicação prática da Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento – EDEOC.

| Escala de Decolonialidade para estudos em Organização do Conhecimento - EDEOC | Artigos |     |    |     |     |     |     |     |     |    |     |    |     |     |    |    |     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------|---------|-----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----|-----|----|-----|-----|----|----|-----|----|
|                                                                               | 1       | 2   | 3  | 4   | 5   | 6   | 7   | 8   | 9   | 10 | 11  | 12 | 13  | 14  | 15 | 16 | 17  | 18 |
| REPRESENTATIVIDADE TEORICA                                                    | 90      | 158 | 66 | 20  | 44  | 31  | 102 | 37  | 0   | 29 | 47  | 58 | 87  | 81  | 79 | 71 | 27  | 25 |
| INSTRUMENTOS E CONCEITOS                                                      | 6       | 26  | 3  | 3   | 8   | 3   | 33  | 3   | 3   | 8  | 8   | 13 | 5   | 15  | 16 | 8  | 10  | 13 |
| CRÍTICA E DECOLONIALIDADE                                                     | 30      | 50  | 10 | -30 | -30 | -30 | 50  | 30  | -10 | 58 | -10 | 50 | 50  | 20  | 50 | 10 | 10  | 50 |
| EPISTEME, CULTURA E LÍNGUA                                                    | 40      | 20  | 90 | -50 | -50 | -50 | -20 | -20 | -30 | 0  | 10  | 20 | -30 | -10 | 40 | 30 | -40 | 20 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, realizamos uma investigação sobre como cada trabalho publicado, recuperado para análise, se enquadrava em pelo menos uma das quatro abordagens pré-estabelecidas descritas anteriormente. Durante essa classificação, constatamos que apenas **42** publicações atendiam a esses critérios. Desse total, **22** trabalhos se enquadraram na categoria **“A”**, que trata de discussões sobre opressões, sub-representações e relações de poder e dominação contra populações marginalizadas, como as populações africanas, ameríndias, mulheres, LGBTQIAPN+, entre outras. Apenas **um** trabalho se enquadrou na categoria **“B”**, que aborda discussões sobre produções de conhecimento de populações geograficamente privilegiadas (norte global), mas que estão à margem das sociedades às quais pertencem. Recuperamos **quatro** trabalhos que se alinharam à categoria **“C”**, que envolve a reflexão crítica à colonialidade e a proposta da decolonialidade como uma alternativa de enfrentamento. Por fim, identificamos **15** publicações que se encaixaram na categoria **“D”**, referente à relação entre Interculturalidade, Interculturalidade Crítica e OC.

No que concerne aos anos em que mais trabalhos foram direcionados para a incorporação de marcadores decoloniais nos estudos publicados no GT 2, verificamos os seguintes números: em 2017 e 2021, foram identificadas oito publicações cada. Em seguida, tanto em 2019 quanto em 2022, foram encontradas cinco publicações cada. Os anos de 2013 e 2015 contaram com quatro publicações, enquanto 2014 e 2018 apresentaram três publicações cada. Por fim, o ano de 2016 registrou apenas duas publicações voltadas para esse viés. Esses dados fornecem uma visão sobre a distribuição dos estudos com enfoque na incorporação de marcadores decoloniais ao longo dos anos no GT 2. Os resultados revelam a existência de variações no volume de estudos voltados para o enfrentamento das violências colonizadoras ao longo dos anos, proporcionando uma compreensão mais aprofundada da evolução e distribuição dessas discussões combativas dentro do âmbito do GT2.

No âmbito das autorais e coautorias engajadas na construção de pesquisas e pensamentos epistemológicos voltados para uma perspectiva crítica e decolonial na OC, identificamos um conjunto de **61** pesquisadores que, por meio de suas investigações, têm

efetivamente exercido a prática da pluralidade dos saberes e desempenhado um papel ativo no enfrentamento da histórica colonização do conhecimento. Com o intuito de fornecer uma visão dos atores que contribuem de forma significativa para o movimento decolonizador no contexto da OC, apresentamos, no Quadro 1, o ranking das 16 autorias que alcançaram o critério de terem ao menos duas publicações recuperadas no enfoque específico deste estudo e categorizadas dentro das quatro abordagens mencionadas anteriormente.

**Quadro 1** - Ranking de autorias decoloniais por publicações, considerando autoria e coautoria

| Autorias |                                    | Qtd. de publicações |
|----------|------------------------------------|---------------------|
| 1º       | Carlos Cândido de Almeida          | 6                   |
| 2º       | Gustavo Silva Saldanha             | 5                   |
| 3º       | Dirnéle Carneiro Garcez            | 4                   |
| 4º       | Graziela dos Santos Lima           | 4                   |
| 5º       | Miriam Gontijo Moraes              | 4                   |
| 6º       | Franciéle Carneiro Garcês da Silva | 3                   |
| 7º       | Linair Maria Campos                | 3                   |
| 8º       | Rodrigo de Sales                   | 3                   |
| 9º       | Andrea Carla Melo Marinho          | 2                   |
| 10º      | Camila Monteiro de Barros          | 2                   |
| 11º      | Fabio Assis Pinho                  | 2                   |
| 12º      | Francisco Arrais Nascimento        | 2                   |
| 13º      | Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda  | 2                   |
| 14º      | Nathália Lima Romeiro              | 2                   |
| 15º      | Nina G. S. Barcellos D'Almeida     | 2                   |
| 16º      | Tatiana de Almeida                 | 2                   |

**Fonte:** Dados da pesquisa (2023).

Em busca de avaliar os elementos que tornam um estudo de fato decolonial, foi aplicada a *Escala de Decolonialidade para Estudos em Organização do Conhecimento (EDEOC)*, conforme descrito nos procedimentos metodológicos supracitados. A EDEOC possui pontuação máxima de 100 e mínima de -100, que é representada no eixo X da Figura 1. No eixo Y estão representados os artigos que são dispostos de A1 a A18. Os ranques são representados por símbolos em forma de quadrados, e foi adicionada uma linha vertical no valor zero da EDEOC para facilitar a visualização entre ranques positivos e negativos.

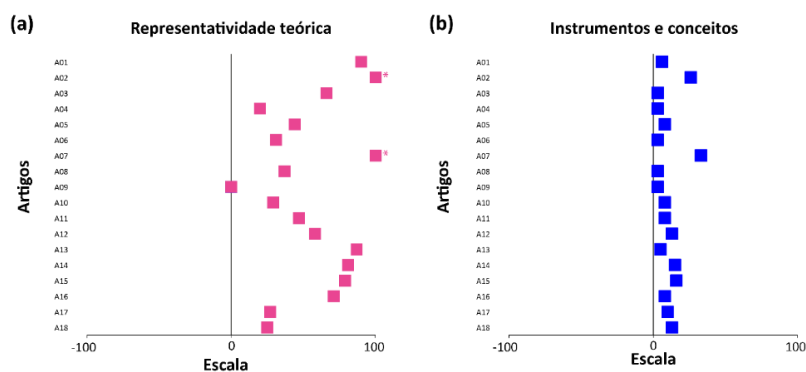
No que se refere aos artigos mais representativos em Decolonialidade, na categoria **“Representatividade teórica”** (Figura 1a), destacam-se os artigos: A2, com pontuação de 158, seguido do A7 com 102 pontos, e do artigo A1 com 90 pontos. Tais artigos tiveram destaque principalmente pelo item 12 da EDEOC, que se vincula ao uso de maioria de autorias latino-americanas citadas como embasamento teórico de suas produções.

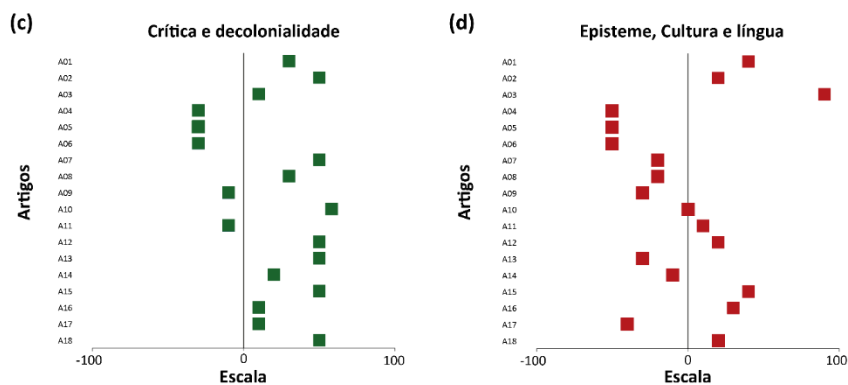
Com relação à categoria “**Instrumentos e conceitos**” (Figura 1b), foi possível mensurar que o artigo A7 obteve pontuação 33 na Escala, enquanto o artigo A2 apresentou pontuação de 26, seguido do A14 com 15 pontos na EDEOC. Nessa categoria, o item 29, que se refere a estudo sobre instrumento e/ou conceito criado por mulher norte-americana de grupo não-hegemônico foi pontuado em dois dos artigos mais expressivos.

No que concerne à categoria “**Crítica e Decolonialidade**” (Figura 1c), o A10 pontuou 58 na EDEOC, seguido pelos artigos A2, A7, A12, A13, A15 e A18, com 50 pontos na Escala, cada um. Diferentemente das outras categorias, esta apresentou resultados negativos em Decolonialidade para cinco artigos. Isso pode ser interpretado entendendo que, embora sejam estudos decoloniais, nem sempre irão abarcar elementos críticos concernentes a tais estudos e vertentes teóricas, sobretudo, no que se refere às contra narrativas decoloniais advindas de grupos não-hegemônicos.

Por fim, na categoria “**Episteme, cultura e língua**” (Figura 1d), o artigo A3 obteve 90 pontos na Escala, destacando-se por trazer abordagens de diversidade cultural, epistêmica e a conexão entre diferentes culturas e povos como os indígenas e africanos, e enaltecer a cultura regional brasileira, além de englobar aspectos sobre linguagem e terminologias de tais povos e comunidades. Embora em menor expressividade, os artigos A1 e A15, apresentaram 40 pontos na Escala, cada um, por adotarem, sobretudo, a diversidade epistêmica e cultural indígena e africana, bem como a diversidade cultural regional. Assim como na categoria anterior, nove artigos apresentaram resultados negativos em Decolonialidade, o que pode ser interpretado como uma lacuna ainda presente nas produções no que concerne ao (re)conhecimento das diversidades epistêmicas, linguísticas, culturais e adoção da interculturalidade em seus estudos apresentados no ENANCIB.

**Figura 1** – Escala de Decolonialidade de Estudos em Organização do Conhecimento, dividida por categorias



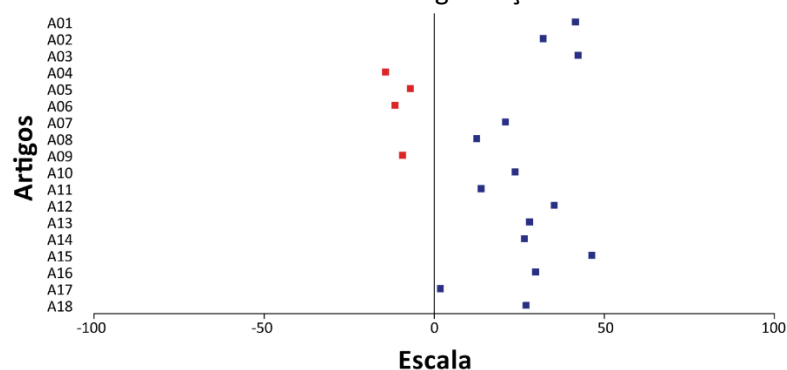


Fonte: Elaborado pelas autorias (2023).

Legenda: A01-A18: se refere a cada Artigo analisado. Legenda: Atribuímos as nomenclaturas de A1 a A18, para identificar o Artigo 1, Artigo 2, Artigo 3 e, assim, sucessivamente.

\*Apresentaram pontuação maior que 100 pelo número de referências citadas no artigo. A Escala possui pontuação máxima de 100 e mínima de -100.

**Figura 2** – Pontuação média de cada artigo considerando as quatro categorias da Escala de Decolonialidade de Estudos em Organização do Conhecimento



Fonte: Elaborado pelas autorias (2023).

Avançando no entendimento de quais seriam os artigos mais expressivos, considerando as quatro categorias da EDEOC, foi calculada a média das mesmas para cada artigo (Figura 2). Nesse sentido, a média dos estudos permitiu conceber que o A15 (o ponto mais à direita na escala da Figura 2), intitulado “Tensão identitária e organização do conhecimento: olhar epistemográfico” com média de 46,3 é aquele que mais se aproxima do que poderíamos chamar de *Decolonialidade Crítica*, por apresentar um equilíbrio entre os elementos decoloniais que compuseram sua produção científica e que foram mensurados pela Escala. Outro estudo de destaque, com média de 42,3 foi atribuído ao A3, cujo título é “Semiótica da cultura e abordagens socioculturais: possíveis diálogos”, haja vista que este possui equilíbrio em vários elementos decoloniais, com exceção de ser um estudo voltado para análise do uso de instrumento e/ou conceito criado por homem europeu pertencente a grupo hegemônico. Na sequência, o A1, intitulado “A representação do negro nos Sistemas de

Organização do Conhecimento no Brasil”, com média 41,5, também apresentou exceção quanto ao equilíbrio de elementos decoloniais na categoria **instrumentos e conceitos**, apontando para estudo de instrumentos e/ou conceitos criados por homens brancos de grupos hegemônicos do norte global.

Todavia, foi possível verificar que estudos decoloniais ainda apresentam lacunas no que se refere aos elementos considerados pela EDEOC, sobretudo com destaque negativo em Decolonialidade Crítica para os estudos dos A4, A6, A9 e A5, cujas médias negativas foram: -14,3, -11,5, -9,3 e -7, respectivamente (os pontos mais à esquerda na Figura 2). Tais resultados apontaram uma lacuna dentro dos estudos decoloniais, mesmo quando utilizam termos pertencentes às vertentes teóricas ou abordam sobre grupos colocados em lugares de subordinação nas sociedades. A ausência da diversidade epistêmica, cultural, linguística e filosófica de povos não-hegemônicos e atores do sul global entre os componentes da produção acaba por creditar uma *decolonialidade mínima ou acrítica* a tais estudos, quando comparados com aquelas pesquisas cujas médias foram mais elevadas.

Apesar dos resultados serem promissores no que se refere a assumir uma Decolonialidade Crítica em OC, nenhum dos estudos apresentou uma média aproximada de 100 pontos. Incentivamos a exploração de vertentes teóricas que advenham do sul global, assim como a assunção de suas teorias, instrumentos e modos de ver e pensar o mundo dentro da Organização do Conhecimento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, nosso intuito foi investigar de que maneira os marcadores decoloniais têm sido incorporados e praticados pelos pesquisadores que publicam no Grupo de Trabalho 2 (GT 2) - Organização e Representação do Conhecimento. Em resposta, ao analisarmos as publicações relacionadas às abordagens decoloniais, observamos que a maioria delas abordava questões de opressão, sub-representação e relações de poder e dominação enfrentadas por populações marginalizadas. Esses estudos ofereciam reflexões críticas que estabeleciam conexões entre diferentes formas de opressão e elementos de colonialidade, desafiando as dinâmicas opressivas por meio da subversão da lógica colonial. Além disso, a abordagem decolonial que envolve a interculturalidade também se destacou, utilizando-a como estratégia para confrontar o pensamento hegemônico colonial em suas pesquisas. No entanto, não encontramos a utilização da interculturalidade crítica como lente teórica em nenhum dos trabalhos selecionados, evidenciando essa lacuna nos estudos de OC.

No que diz respeito à aplicação da EDEOC, observamos que a representatividade teórica foi o critério que obteve maior pontuação, devido à utilização das autorias latino-

americanas em seus referenciais. Por outro lado, ao analisar a crítica à decolonialidade, constatamos que, mesmo que sejam estudos decoloniais, não apresentam elementos críticos suficientes para alcançar o que chamamos de Decolonialidade Crítica. Direcionar o olhar para questões atinentes à episteme, à cultura e à língua, é valorizar a diversidade cultural e epistêmica, a conexão entre diferentes culturas e povos, a busca pelo enaltecimento da cultura regional e a adoção de aspectos linguísticos e terminológicos de comunidades e povos subalternizados.

Dessa forma, a partir dos resultados coletados, que nos permitiu mapear e compreender de forma mais aprofundada como a perspectiva decolonial tem sido abordada nas publicações do GT 2, foi possível evidenciar o papel fundamental que essas pesquisas e esses pesquisadores e pesquisadoras desempenham em prol de uma OC assumidamente decolonial. Concluímos que a ausência da diversidade epistêmica, cultural, linguística e filosófica de povos não-hegemônicos e atores do sul global na produção acadêmica resulta em uma abordagem minimamente decolonial ou acrítica em relação a estudos que apresentam uma maior representatividade. E apesar dos dados promissores no que diz respeito à adoção de uma decolonialidade crítica em OC, ainda se faz necessário o incentivo à exploração de vertentes teóricas provenientes do sul global, bem como a adoção de suas teorias, instrumentos e formas de ver e pensar o mundo dentro da OC, sobretudo no Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de Doutorado a primeira autora - Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida S. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. **Psicologia Social do Racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil, Petrópolis, Vozes, 2002. p. 25-57.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CAPODILUPO, Christina M.; TORINO, Gina C. Gender microaggressions scale (GMAS) for women: Exploratory and confirmatory factor analyses. **Advances in Psychology Research**, [s.l.], v. 122, p. 81–110, 2017.

CAMPOS, Maria Luiza Almeida; CAMPOS, Linair Maria. A organização do conhecimento e suas teorias de representação: a ontologia de fundamentação como um modelo teórico para

a representação de domínios. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012. **Anais [...]** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

FARIAS, Mona Cleide Quirino da Silva, CÂNDIDO DE ALMEIDA, Carlos. Semiótica da cultura e abordagens socioculturais: possíveis diálogos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Epistemologia da Ciência da Informação: evolução da pesquisa e suas bases referenciais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p.89-103, 2018. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/95364>. Acesso: dez. 2020.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo. Olhares decoloniais em organização do conhecimento: uma análise das publicações do periódico *Knowledge Organization* (2000-2020). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: IBICT-UFRJ, 2021.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo. Interculturalidade crítica na BCI e na organização do conhecimento: dialética entre Catherine Walsh e Natalia Duque Cardona. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: UFRGS, 2022.

GÁRCIA-GUTIÉRREZ, Antonio Luis. Knowledge organization from a culture of the border: towards a transcultural ethics of mediation. *In*: MUNOZ-FERNANDEZ, Francisco J. **Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century**: integration of knowledge across boundaries: Proceedings [...]. Würzburg: Ergon, 2002. p. 518.

GARCIA, L. S.; OLIVEIRA, S. M. M.; LUZ, G. M. S. Knowledge organization for query elaboration and support for technical response by the internet. *In*: ALBRECHTSEN, H. **Dynamism and stability in knowledge organization**: Proceedings [...]. Würzburg: Ergon. 2000. p. 189.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/433/243>. Acesso em: mar. 2021.

GREEN, Rebecca. Conceptual universals in knowledge organization and representation. *In*: MUNOZ-FERNANDEZ, Francisco J. **Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century** - Integration of knowledge across boundaries: Proceedings [...]. Würzburg: Ergon, 2002, p. 15.

KENT, Robert E. The information flow foundation for conceptual knowledge organization. *In*: ALBRECHTSEN, H. **Dynamism and stability in knowledge organization**: Proceedings [...]. Würzburg: Ergon. 2002, p. 111.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Estação Ciência, 1996.

NADAL, Kevin L. A guide to responding to microaggressions. **Cuny Forum**, [s.l.], v. 2, p. 1, p. 71-76, 2014.

RABELLO, Rodrigo A. Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 2-36, 2012.

SALES, Rodrigo. Diferentes perspectivas nos contextos do GT2 da Ancib e da Isko-Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017. **Anais** [...] Marília: UNESP, 2017.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês; GARCEZ, Dirnele C.; FEVRIER, Priscila R.; ALVES, Ana Paula M. Justiça Social e População Negra: um olhar teórico-crítico para Competência em Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, p. 129-162, 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês; GARCEZ, Dirnele C.; VIEIRA, Gabriel de Melo; FEVRIER, Priscila R.; ROMEIRO, Nathália L.; ALVES, Ana Paula M. Microagressões raciais, poder e privilégio nas bibliotecas: uma análise dos discursos no *The Microaggressions Project* e *Microaggressions in Librarianship*. **Revista Folha de Rosto**, Cariri, Ceará, 2023. (No prelo).

SOUZA, Renato Rocha; TUDHOPE, Douglas; ALMEIDA, M. Barcellos. The KOS spectra: a tentative faceted typology of knowledge organization systems. In: GNOLI, Claudio. **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Würzburg: Ergon, 2010, p. 122.

SUE, Derald Wing; CAPODILUPO, Christina M.; TORINO, Gina C.; BUCCERI, Jennifer M.; HOLDER, Aisha M. B.; NADAL, Kevin L.; ESQUILIN, Marta. Racial microaggressions in everyday life. **American Psychologist**, [s.l.], v. 62, n. 4, p. 271-286, 2007.

SUE, Derald Wing. (ed.). **Microaggressions and marginality: manifestation, dynamics, and impact**. Hoboken. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2010.

TORRES-HARDING, Susan; ANDRADE JR., Alejandro L.; ROMERO DIAZ, Crist E. The Racial Microaggressions Scale (RMAS): A New Scale to Measure Experiences of Racial Microaggressions in People of Color. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, [s.l.], v. 18, n. 18, p. 153-164, 2012.

ZANDONADE, Tarcísio. Epistemologia da ciência da informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 23-24, n. 3, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71684>. Acesso em: mar. 2021.

ZHEREBCHEVSKY, Sergey. Formalism in knowledge organization. Paradigms and conceptual systems in knowledge organization. **Proceedings** [...] Würzburg: Erg, 2010.